

## “AVE BRANCA QUE VOA DOS PÂNTANOS PARA O AZUL...”: AS ELITES E O PROJETO MODERNIZADOR DE ARACAJU NAS DÉCADAS DE 1910 A 1930

### META

Demonstrar as primeiras décadas do século XX em Aracaju, incluindo a existência de um projeto modernizador das elites. Para isto, demonstraremos a expansão da cidade, os interesses que estavam por detrás dessa expansão e, sobretudo, as contradições geradas por esse crescimento.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar a existência de um discurso modernizador para a cidade de Aracaju, presente nas mensagens do governo à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe, na legislação, nos relatórios das fábricas de tecidos e da polícia e nos jornais “O Estado de Sergipe” e “Correio de Aracaju”; perceber como esse discurso modernizador se posicionou em relação à estética para cidade de Aracaju.

### PRÉ-REQUISITOS

Os textos anteriores que situam o final do século XIX quando se deu a transferência da capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju.



“Uma ave branca que voa dos pântanos para o azul”, essa era a metáfora usada para exprimir a mudança na cidade de Aracaju. A visão de uma cidade inviável cheia de pântanos e lagos, repletos de mosquitos, passou para uma cidade de construções modernas, arborizada, ajardinada, calma e bem dirigida.

(Fontes: <http://www.vivaterra.org.br>).

### INTRODUÇÃO

Com a fundação de Aracaju, no governo Inácio Barbosa, em 1855, nascia a ideia de construir em Sergipe um núcleo urbano moderno, em função de um porto que atendesse às necessidades de escoamento da produção açucareira do vale do Cotinguiba. A “cidade de Inácio Barbosa”, todavia, enfrentou no seu início os mais diversos problemas, não conseguindo, até o final do século XIX, realizar melhoramentos urbanísticos que lhe pudessem imprimir o caráter de um moderno centro administrativo, tornando-se motivo de desencanto por parte daqueles que a queriam moderna.



Aracaju em 1920, vista pelo Rio Sergipe. Fonte: (SILVA, 1920:144).

### UM PROJETO MODERNIZADOR...

Foi nas primeiras décadas deste século que Aracaju começou a corresponder à imagem idealizada pelos que a criaram. Impôs-se como principal centro urbanístico do Estado, superando a imagem da cidade inviável cheia de lagoas, dunas e pântanos onde proliferavam mosquitos causadoras de “febres”. Recuperou-se a crença de que a cidade representava uma nova fase da vida sergipana e a convicção de um futuro promissor para a capital que deveria superar o “atraso” de mais de cinquenta anos.

Essa “nova fase” é retratada no interior do discurso modernizador presente nas Mensagens do Governo à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, na legislação, nos relatórios das fábricas de tecidos e da polícia e nos jornais “O Estado de Sergipe” e “Correio de Aracaju”.

Os jornais considerados oficiais, entre estes “O Estado de Sergipe” e “Correio de Aracaju”, a partir desses melhoramentos, procuraram divulgar a ideia de que Aracaju vivenciava uma era de modernização e acentuavam a importância desses melhoramentos para todos. Era uma visão que comparava a situação de antes em que vivia a cidade e as mudanças que começavam a existir, sempre alardeando a “nova” situação de Aracaju. “O Estado de Sergipe” em 1917 deixava bem claro que Aracaju teve uma infância difícil, com casas de palha e envolvida pelas epidemias, por toda a sorte de óbice. Entretanto, acrescenta esse jornal, [...]venceu afinal. Foram surgindo devagar

o casario baixo, as casitas de palhas, as edificações primitivas, o arcabouço da urbs garrida e progressista que é a de hoje. As mudanças que iam se processando foram influenciadas por tudo que havia de moderno, acrescenta esse jornal: pela construção moderna, arborizada, ajardinada, calma e bem dirigida. Compara essa mudança usando a metáfora de uma ave branca que voa dos pântanos para o azul:

Como ave branca que voa dos pântanos para o azul, Aracaju - a cidade inviável - a envolver dentro de água estagnada, da terra inundada, desvencilhou-se rápida das faixas das primeiras idades para aparecer radiosa flor do progresso, bela na retidão de suas ruas, nos esplendores de seus panoramas... (O Estado de Sergipe, 17.03.1918)

O “Correio de Aracaju”, por sua vez, em 1920, num artigo denominado “A capital de Sergipe” falava com mais veemência sobre a “nova” fase. Imprimia características de “obra colossal” aos empreendimentos materiais ocorridos até então na capital sergipana, diante dos poucos recursos de que dispunham os cofres públicos. Dirigindo-se ao governo da época, esse jornal escreveu: com esses só recursos tem já sempre empreendido e executado uma obra colossal, que ai está patente aos olhos pasmos e jubilosos dos sergipanos. Ainda exaltando a remodelação da capital sergipana como colossal, disse o seguinte:

A modéstia relativa dessa obra se a quiséssemos comparar com as que realizaram Haussmann, em Paris, Lauro Muller, Pereira Passos e Paulo Frontim, no Rio - o que é impossível - transforma-se, todavia, em grande admirável quando a consideramos em face dos diminutos recursos com que S. Ex. dr. Pereira Lobo a empreendeu e a realizou. (Correio de Aracaju, 25.09.1920)

Essa ideia de fase colossal para a cidade de Aracaju reapareceu várias vezes nas matérias dos jornais como parte do discurso de muitas autoridades que estavam à frente dessas melhorias. Inaugurações das praças públicas, aterros de lagoas, debastamentos de morros, de equipamentos urbanos (energia elétrica, bondes etc.) e escolas foram notificadas pelos jornais como acontecimentos extraordinários que anunciavam a chegada do “progresso” em Aracaju.

Apreciemos uma dessas inaugurações.

Em primeiro de maio de 1911, às duas horas da tarde, num espaço improvisado à rua de Lagarto, esquina de Maruim em Aracaju (SE), inaugurava-se a Escola Federal de Aprendizes e Artífices que funcionaria com aulas de alfaiataria e mecânica. [texto de apoio - 01] A banda de música do corpo policial do Estado e as autoridades se comprimiam em meio a uma massa de trabalhadores. À frente da organização desta inauguração, o

médico Augusto Leite {texto de apoio - 02} lia um discurso representando outros sergipanos responsáveis pela realização dessa instituição de ensino. Cumprimentando a todos que compareciam àquele ato, ele falava:

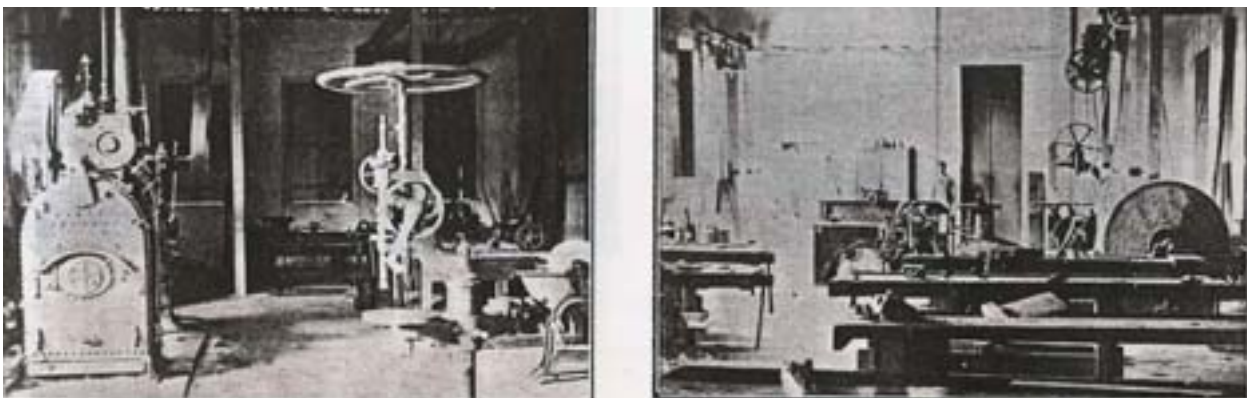
À solenidade a que viestes assistir, empreendendo a grandeza e o esplendor da vossa presença, um marco firmará na história do progresso de Sergipe. Inaugura-se hoje o primeiro instituto profissional do nosso Estado. Tão auspicioso acontecimento registramo-lo como o início eloqüente de uma nova fase em que se nos descerá, no lineamento firme de um horizonte amplíssimo, um futuro cheio de promessas benfazejas, asseguradas pela difusão larga e inteligente da instrução- a garantia primacial (sic) da vida e do enlevamento moral de um povo(...). Nenhuma data se nos depararia mais propícia e mais adequada que a de hoje para a inauguração da Escola de Aprendizes e Artífices do nosso Estado. É a nossa festa uma eloqüente homenagem ao trabalho. Daqui sairão os operários de amanhã, verdadeiros cidadãos, dignos desta grande pátria- o Brasil, por cujo progresso e futuro tanto anseia os nossos corações. Associemo-nos, pois, às festas do dia e glorifiquemos o trabalho. (Correio de Aracaju, 05 de maio de 1911)



Augusto Leite. (SILVA, 2007:142).



Edifício da Escola de Aprendizes artífices. Localização: Rua de Maroin, esquina de Lagarto. FONTE (SILVA, 1920:110).



Oficinas da Escola de Artífices Aprendizes. No ano de 1920 essa Escola tinha cursos de: Marcenaria; sapataria, selaria, desenho, ferraria, carpintaria, alfaiataria, além de aula primária. (SILVA, 1920:109).

Tal inauguração fazia parte do programa de festividade do dia do trabalhador que incluía uma série de outras atividades cívicas e religiosas, como missa campal, sessão de discursos no palácio da Intendência (prefeitura) e cortejo (passeata) nas ruas de Arauá, Praça Tobias Barreto, Capela, Laranjeiras, Japarutuba e Praça do Palácio. O ponto alto desta festa, no entanto, era a inauguração da Escola de Aprendizizes e Artífices. {Texto de apoio 03}

Além de fazer uma apologia a um futuro promissor, Augusto Leite apresentava também em seu discurso um breve histórico das dificuldades para instalação dessa Escola. Ele deixava transparecer que logo no início, quando somente estava no projeto, o Governo Rodrigues Dória (1908-1911) admitia-se impotente em conceder um espaço físico para que a referida Escola se instalasse. Mencionava que a desculpa fora dada alegando muitos compromissos e precárias condições financeiras do Estado.

Tal desculpa não estava em sintonia com o que Augusto Leite pensava e acreditava. Implicitamente, seu discurso apontava os seguintes questionamentos: será mesmo que deveria esperar um tempo de bonança para construir as escolas? Elas só são frutos do progresso, do desenvolvimento econômico? Elas não seriam também o guindaste do progresso?

Augusto Leite afirmava que as “transformações sociais” só ocorreriam mediante a audácia dos que acreditavam que era possível empreender mudanças, mesmo com todas as dificuldades do meio em que se vivia. Ele se expõe numa imagem de sergipano devotado e comprometido com uma era moderna para Sergipe, ou seja, sendo um representante da nova fase de progresso que acreditava começar a existir.

Entre os que faziam parte da elite em Aracaju, nas décadas de 1910 e 1920, estavam Augusto Leite, Florentino Teles de Menezes, Prado Sampaio, Ítala da Silva, Deodato Maia, entre outros. Eles acreditaram e sentiram as mudanças e queriam mudar com elas. Desta forma, eles integraram-se ao novo cenário e às novas ideias que recendiam na cidade de Aracaju. Informações sobre esses intelectuais estão publicadas no dicionário de Armindo Guaraná, disponível no endereço eletrônico: <[http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario\\_Armindo\\_Guarana\\_set2007.pdf](http://iaracaju.infonet.com.br/serigysite/includes/serigysite/242/Dicionario_Armindo_Guarana_set2007.pdf)>.

Dentre as cidades de Sergipe nas primeiras décadas deste século, Aracaju se destacava como sede político-administrativa e o maior centro comercial e industrial do Estado. Embora todas mantivessem seu comércio, suas indústrias mais ou menos rudimentares e seu sistema de serviços, em menores ou maiores proporções, nenhuma cidade se comparava à capital. As cidades do fundo estuário entraram em decadência, enquanto a capital centralizava cada vez mais o comércio e demais serviços, adquirindo paulatinamente maior expressividade. Com o aumento dos preços dos produtos de exportação, tornou-se Aracaju o centro urbano mais beneficiado de Sergipe, passando a conhecer um certo dinamismo interno que atingiria maiores proporções no governo Graccho Cardoso. (DANTAS:1974,39\43)



Trecho da praça Fausto Cardoso/delegacia fiscal-2ª década. Fonte: (BARBOZA, 1992, FOTO: 22).

Foi na primeira década deste século que as inovações urbanísticas foram aparecendo, destacando-se entre elas: o bonde de tração animal (a partir de 1901), a água encanada, a criação de empresa de carris urbanos (em 1908) e o cinema que começou em 1909. Tais melhoramentos provocaram, no decorrer das décadas de 1910 e 1920, o surgimento de um maior número de equipamentos e serviços urbanos.

A instalação da energia elétrica constituiu o primeiro equipamento urbano a contribuir para a nova feição da capital. Logo depois vieram os serviços de esgotos, aterros e drenagens de lagoas e pântanos, medidas de higienização e calçamento. Estas medidas começaram com a revisão do sistema de escoamento superficial, problema constante desde a origem da cidade; levantou-se o nível de vastas extensões alagadiças; calçaram-se as primeiras ruas e instalou-se a viação urbana.

Os serviços de higienização tornaram-se mais equipados na década de 1920. Foram instalados institutos científicos como o Instituto de Química e o “Parreiras Horta” com a importação de técnicos, profissionais ligados ao serviço de exame da água, além de terem sido feitos serviços de profilaxia e drenagem e intensivas visitas às habitações e aos lugares que poderiam servir de focos transmissores de doenças. Foi preciso, neste sentido, traçar planos, agir mais objetivamente, elaborar leis e códigos para se concretizar o modelo desejado de cidade moderna.

Esse intuito pode ser percebido nos Códigos de Posturas da época. O de 1910, por exemplo, demonstrava preocupação com o estabelecimento de normas higiênicas, segurança e embelezamento. Essa tendência ia se processando também em outras leis e decretos estaduais. Um desses documentos que demonstra a preocupação com o aspecto urbano da cidade é a Lei Estadual no. 697 que concede, pelo prazo de cinco anos, a redução de 50% do imposto predial aos prédios que satisfizessem os preceitos urbanos...

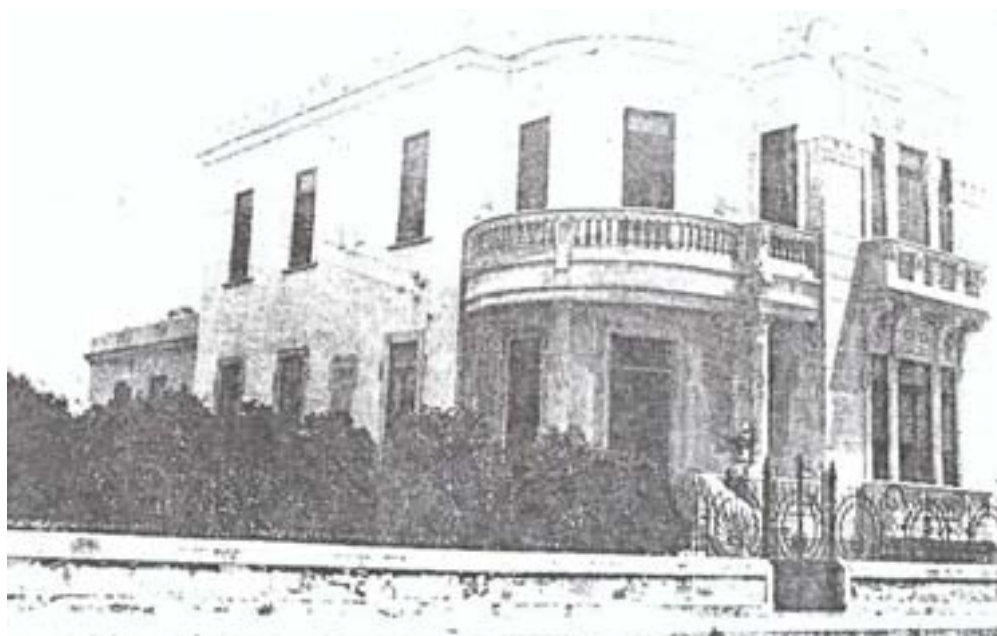


Os Códigos de Posturas procuravam estabelecer um certo conceito de beleza para a cidade, impondo mais rigor nas construções das casas. Ruas tortas, casas de palha e taipa, calçamentos irregulares, inquietavam os apologistas de um futuro melhor para a cidade. Higiene e edificações são os temas mais recorrentes dos códigos de postura. O de 1912, denotava preocupação com as edificações (estética e arquitetura) e com o exercício da polícia sanitária e suas visitas domiciliares. O de 1926 se preocupa mais com a regulamentação da atividade dos construtores. (SANTOS, 2007:114-115)

No interesse de construir a nova fisionomia da cidade, dando-lhe um ar habitável e higiênico, inúmeras desapropriações foram feitas. Pequenas casas de palha, pelo seu próprio aspecto rudimentar ou porque estavam afastadas do alinhamento exigido pelas normas urbanas foram abaixo. Ruas “irregulares”, as chamadas “teias de aranha” foram condenadas e cederam lugar às novas ruas e avenidas planejadas.

### A MIGRAÇÃO

No início da década de 1910 muitas famílias ricas passaram a se estabelecer na capital sergipana e compartilharam com os existentes projetos de interferência na organização da sociedade e\ou no espaço físico da cidade. Para Maria Thetis Nunes a vida aracajuana passou a se modificar com a vinda da nova burguesia surgida com a prosperidade dos anos da Grande Guerra (NUNES,1984:228).



Residência da Augusto Leite, (SILVA,1920:156).

Foi surgindo, paulatinamente, um outro ritmo de vida em Aracaju nas décadas de 1910 e 1920 “embalado” pelas características das sociedades industrialmente desenvolvidas. Segundo Barboza, a instalação do relógio

público, por exemplo, no governo Graccho Cardoso em 1927, representava uma nova fase para a capital sergipana. Ele era um dos mais importantes símbolos da nova ordem social. Mas, além do relógio, a elite passou a se interessar pelos novos hábitos, formas de lazer e, sobretudo a formação de uma cultura mais letrada para os seus filhos. (BARBOSA,1992:60)

Ante a ausência de cursos superiores em Sergipe, muitas famílias ricas passaram a enviar seus filhos para prosseguir estudos em outros Estados como Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais entre outros. Estavam à procura dos cursos de Direito, Medicina, Odontologia, Farmácia e Escola Politécnica (NUNES, Op cit)

O deslocamento da juventude para pontos diferentes e diferenciados do país é facilitado pela inauguração da estrada de ferro em 1913. A partir desta data, a área do Recife passava a ser menos procurada por quem fazia os cursos superiores. Segundo José Calazans o deslocamento da área do Recife “nos deu, incontestavelmente uma maior compreensão dos problemas gerais, e, em conseqüência, proporcionaria à nossa elite intelectual uma maior aproximação com os centros culturais do país” (BRANDÃO,1962: 46).

Prado Sampaio, vivenciando esta nova fase da capital sergipana acreditava que “uma mocidade menos idealista e mais cultuada (sic) levantava-se na luta pelo pensamento, demandando novos horizontes”. Para ele a imprensa tornava-se uma força de expansão das novas ideias. Surgiam, assim, jornais, livros e revistas em melhores condições como atestados da nova atividade intelectual. Além disto, esse autor acreditava na existência de “um futuro melhor e largas esperanças para Sergipe através de um novo regime de educação primária revigorando a inteligência e criando o ideal de educação utilitária consoante com o ponto de vista nacional”(SAMPAIO,1928: 84-5).

Parte da juventude, após a formatura, resolve não mais voltar, mas outra parte procura residir em Sergipe com a ideia de que, ajudando seu “estado indefeso”, estaria contribuindo para o desenvolvimento nacional. Eles, conjuntamente com outros intelectuais formados, passaram a fazer parte dos novos atores sociais que almejavam transformar a capital sergipana numa cidade moderna destacando-a das demais cidades do Estado e acompanhando as mudanças que se processavam em outras cidades do mundo e do próprio país.

Esta nova juventude era influenciada pelos princípios positivistas de “ordem” e “progresso”. A partir do iluminismo, a maneira de conceber a organização social se modificou completamente. Os intelectuais passaram a substituir o pensamento abstrato pela razão, pelo observável e acreditava no princípio das idéias democráticas liberais, do progresso contínuo, da evolução social. (RIBEIRO JUNIOR,1984:63-65)

Conforme os princípios positivistas, a ciência e a indústria assegurariam o progresso, enquanto que a moral e a educação manteriam a ordem. “Ordem e Progresso”, máximas burguesas concebidas numa realidade europeia a partir de um capitalismo maduro foram adaptados para sua execução em realidades regionais distintas.( PESAVENTO, 1992: 17).



Em Aracaju, a intelectualidade escrevia na imprensa local artigos sobre urbanismo, problemas estruturais da capital e referências ocorridas na Alemanha, França, Rio de Janeiro e outros lugares. Entre os artigos publicados pode-se destacar o de 25.09.1920 do Correio de Aracaju que deixava registrado o nível de conhecimento sobre as transformações concretas de outras cidades - notadamente Paris- e a ideia de que, com a reforma urbana, estaria preparando-se a civilização:

A Revista da Semana pôs em foco todas as vantagens higiênicas e econômicas em que redundaram, afinal, as obras colossais de remodelação da Capital Federal, executadas por Lauro Muller Pereira Passos e Paulo Froim. Naquele artigo, se diz: (...) O Barão de Haussemem não conquistou uma província, mas transformou Paris, assegurando-lhe a primeira entre as grandes capitais do mundo, preparando-se para ser o palco grandioso das exposições universais e a cena eterna onde a civilização e o luxo representariam as suas mais deslumbrantes férias. (CORREIO DE ARACAJU, 25 de setembro de 1920)

Em 04 de agosto de 1925, o Diário Oficial, por sua vez, publicava que o urbanismo estava a serviço das melhorias individuais e coletivas. Para o referido jornal não se sabia onde surgiu a concepção de urbanismo como ciência, entretanto,

Os povos anglo-saxões foram, sem dúvida, os primeiros a ter uma noção completa do “confort” das grandes aglomerações urbanas. O problema do operariado, exacerbado pelo pauperismo derivado do absorvente industrialismo em que se baseou, no seio daqueles povos, a expansão das atividades econômicas, precipitou a adoção de medidas tendentes a melhorar as condições dos indivíduos e das coletividades reunidas no “gânglio” das populosas áreas citadinas. (DIÁRIO OFICIAL, 04 de julho de 1925)

Procurando se integrar de forma mais intensiva nos problemas da sociedade aracajuana, parte dos novos atores sociais passaram paulatinamente a ingressar nos diversos órgãos do Estado, ocupando, por exemplo, chefia de delegacia de polícia, direção de institutos, escolas, bibliotecas, setores de transportes, higienização, saúde entre outros órgãos governamentais.

Parte dos novos atores sociais passava a conviver mais de perto com os problemas sociais da capital sergipana e\ou do Estado a partir do momento em que convivia com os confrontos cotidianos dos problemas em suas administrações. Percebia a falta de dinheiro do governo, de equipamentos necessários à realização das tarefas e à defasagem dos estatutos que normatizavam as funções dos referidos órgãos públicos de que estavam à frente.

Nos relatórios de higienização, por exemplo, os inspetores e\ou diretores denunciavam as deficiências do regulamento de higiene do Estado, apelavam ao governo para que se percebessem a importância de seus trabalhos e a falta de informação da população quanto aos preceitos urbanos modernos. Além do mais não poupavam críticas à capital em torno da

sucessão de quarteirões monótonos, ruas sem calçamento e intransitáveis em dias invernosos e à falta de arborização. O inspetor Otaviano Vieira de Melo em 31 de julho de 1915 enviava ao Presidente do Estado Sr. Oliveira Valadão um relatório contendo, entre outros, os seguintes aspectos:

A higiene das cidades, pelo sabido preço que goza na vitalidade e nos progressos físicos e sociais dos povos, justifica - plenamente o apelo que respeitadamente vos faço... Muito discutido têm sido sempre os problemas da higiene geral, pela diversidade de suas teorias ou idéias novas. Infelizmente é entre nós um fato notório e censurável, e de punições reiteradas dos poderes competentes... Data do ano de 1905 a confecção do atual regulamento de higiene do Estado, não lhe sendo dado o menor traço de então a presente data. Minuciosos e completos muitos dos capítulos, deficientes e falhos mesmo em outro, urge que se lhe faça uma reforma tornando-o aplicável ao nosso meio e compatível com a pequena verba consignada ao serviço de saúde Pública do Estado. (MELO, 1915)

Os relatórios de higiene e saúde pública, por sua vez, procuravam retratar o dispêndio de esforços dos que estavam à frente na erradicação dos problemas de saneamento e saúde. Isto é perceptível na medida em que são feitas críticas aos poucos recursos do Estado para resolver os problemas e a defasagem dos regulamentos de higiene. Eles deixavam transparecer que, mesmo sem dinheiro e com normas quase obsoletas e, na maioria delas, inexistentes, havia muita força de vontade para fazer de Aracaju uma cidade higienizada.

A idéia de voluntarismo perpassava, sobretudo, as “falas” dos que estavam à frente de alguns órgãos públicos. Eles acreditavam que sem a “boa vontade”, sem o “amor a sua terra natal” era impossível tocar para a frente os projetos de modernização da sociedade. Assim, os higienistas e outros atores sociais também repetiam cotidianamente as reclamações que Augusto Leite expressava no discurso de posse da Escola de Aprendizes e Artífices.

### Texto de apoio 1

Pelo Decreto n.º 7.566, de 23.09.1909 o Presidente Nilo Peçanha criava as Escolas do Aprendizes e Artífices que deveriam funcionar em cada urna das capitais brasileiras. Tinha como finalidade formar operários e contra-mestres, ministrando-se aos mesmos que pretendessem aprender um ofício, havendo para isso até o número de cinco oficinas de trabalho manual ou mecânicas que fossem mais convenientes e necessários ao Estado que funcionasse a Escola. (NUNES, 1984:207-208)

### Texto de apoio 2

Augusto César Leite, (1886-1979) além de atuar como médico-cirurgião, ministrou aulas no Colégio Atheneu Sergipense, foi jornalista,

político e teve um papel importante no funcionamento do Hospital de Cirurgia. (NUNES, 1984:244). Segundo Silvério Fontes,

“... lutou e batalhou pela instrução pública. Da sua atuação à frente da antiga Escola de Aprendizes e Artífices, à docência do Atheneu Sergipense e no Seminário Diocesano, um longo período se escoou. O médico e professor se irmanavam, minorando a dor alheia ou aplacando a sede dos que desejavam aprender”. (FONTES, 1992: 51) Outras informações sobre a biografia de Augusto Leite confira o livro “Augusto Leite” de Acrísio Torres, 1974, s/d.

Nasceu no Engenho Espírito Santo em Riachuelo, Sergipe, em 30 de julho de 1886. Filho do Coronel Francisco Rabelo Leite e Maria Virginia Acioli Leite. Coursou o primário em Riachuelo, colegial em Salvador e o superior em medicina e humanidades na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro (1909) e, em seguida, graduou-se em Humanidades. Ao lado das atividades médicas, exerceu a função de primeiro diretor da Escola de Aprendizes Artífices de Aracaju, por decreto de 06 de janeiro de 1910. Maleceu em 30 de julho de 1886. (SILVA, 2007:144 e 148)

Texto de apoio 3

1911 foi o primeiro ano em que se comemorava o dia do trabalhador em Sergipe. Segundo o Correio de Aracaju em 30 de abril de 1911: O operário desta capital, já bastante numeroso, e, justo dizer, em sua maioria inteligente e criterioso, celebra este ano, pela primeira vez, a festa do dia 1º de maio. Entretanto ainda não era um dia estabelecido como feriado no calendário. As paralizações das atividades eram feitas sob os critérios dos donos de fábrica e governantes. Eles consentiam “um descanso” visando a um relacionamento paternalista com os trabalhadores e na intenção de ser um momento propício de educá-los no princípio da “ordem social”. Recomendamos outras fontes para entender esse dia do trabalhador. Vide Diário da Manhã, 01 de maio de 1912; Em 26 de setembro de 1924, pela lei. 4659, era decretado feriado nacional o dia 1º de maio (Sergipe Jornal, Aracaju, 30 de abril de 1925).

### CONCLUSÃO

Devemos entender que o projeto modernizador que vimos nesta lição é pensando como parte das mudanças também ocorridas com o advento da proclamação da República. Havia a crença de uma sociedade pautada na ordem e no progresso. Os republicanos acreditavam redimir o passado colonial através de uma nova forma de “trabalho”, baseado na mão de obra livre. O tempo republicano seria nova fase onde a cidade de Aracaju iria agregar as outras áreas do território sergipano que nunca foram integradas por São Cristóvão, antiga capital.

Enquanto a cidade de Aracaju se transformava no modelo de cidade moderniza, Laranjeiras e outras cidades da Cotinguiba entravam em decadência. Você estaria perguntando: A região da Cotinguiba entrava em decadência? Laranjeiras não era mais um núcleo de povoamento próspero?

Devemos lembrar que o açúcar não mais era produzido em larga escala e tinha ocorrido a abolição da escravatura. Os tempos eram outros... Surge uma nova ordem econômica gerada pela grande guerra. As indústrias de tecido, por exemplo, começaram a ser uma fonte de riqueza importante para o estado. Aracaju irá concentrar parte dessa nova mudança, consolidando-se nessa nova fase...

### RESUMO



O projeto modernizador das elites nas décadas de 1910 a 1930 dava continuidade a outro projeto iniciado em 1855 sob liderança de Inácio Joaquim Barbosa. Nos anos iniciais do século XX, Aracaju foi recebendo um contingente significado de pessoas de posses e ao mesmo tempo uma elite mais escolarizada passou a residir na capital, contribuindo para fomentar melhorias no aspecto físico da cidade

### ATIVIDADES



1. Que elite o texto se refere? O que seria projeto modernizador para Aracaju? Entenda o que quer dizer o título do texto principal desta lição: “Ave branca que voa dos pântanos para o azul...”.
2. Continue a montagem do seu blog. Procure fotos e textos informativos sobre os integrantes desse projeto modernizador.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Josefa Naide. **Em Busca de Imagens Perdidas: Centro Histórico de Aracaju (1900-1940)**. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.
- BRANDÃO, José Calasans da Silva. **Introdução ao Estudo da Historiografia sergipana. Trabalho apresentado ao V Simpósio de História do Nordeste**, Aracaju: agosto de 1973.
- \_\_\_\_\_. O Desenvolvimento Cultural de Sergipe na 1ª metade do século XX, **Revista do IHGSE**, no. 26, vol. XXII, ano de 1962-1965, p. 46-57
- CAMPOS, José Aloísio. As contribuições de melhorias urbanísticas em Aracaju. **Revista do Aracaju**, ano III, 1949, n.3
- Correio de Aracaju, Aracaju, 30 de abril de 1911
- Correio de Aracaju, Aracaju, 05 de maio de 1911
- Correio de Aracaju, Aracaju, 10 de agosto de 1919.
- Correio de Aracaju, Aracaju, 25 de setembro de 1920,no.2.292.
- DANTAS, José Ibarê Costa. **O Tenentismo em Sergipe. (Da Revolta de 192 a Revolução de 1930)**, Petrópolis: Vozes, 1974, no.39.
- Diário da Manhã, Aracaju, 01 de maio de 1912.
- Diário Oficial, Aracaju, 04 de julho de 1925.
- FONTES, Amando. **Os Corumba**, Rio de Janeiro: Editora José Olimpio, 6ª ed, 1967.
- FONTES, Silvério Leite. **A Formação do Povo Sergipano**. São Cristovão: Programa de Documentação e Pesquisa em História/Cadernos do PDPH, 1992.
- FREITAS, Bárbara Sheila Gonçalves. A ocupação periférica do quadrado de Pirro; Aribé (1901-1931), Aracaju: **Revista de Aracaju**, ano LX, 2003, no. 10, p.201-275.
- Gazeta de Sergipe, Aracaju, 15 e 15 de fevereiro de 1982, p.03.
- KOURY, Mauro Guilhermes Pinheiro. Trabalho e Disciplina (Os homens pobres nas Cidades do Nordeste: 1889-1920). In: **Relações e Relações de Poder: Mudanças e Permanências**. ANPOCS, 1986, vol.1.
- LOBO, José Joaquim Pereira. **Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe**. 07 de setembro de 1920,p.61.
- LOBO, José Joaquim Pereira. **Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe**. 07 de setembro de 1922,p.66.
- MELO, Otaviano Vieira de. Relatório de Higiene do Estado de Sergipe, Aracaju, 31 de julho e 1915, Acervo Geral, pac.g1, 2179, APES.
- NUMES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1984.
- O Estado de Sergipe, Aracaju,17 de março de 1918, ano VII,no.35.
- PASSOS SUBRINO, Josué Modestos. **História Econômica de Sergipe (1850-1930)**, São Cristovão: Editora da UFS, 1987.

- PESSAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da Rua**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal, 1992.
- \_\_\_\_\_. **O cotidiano da República**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRG, 1972.
- PORTO, Fernando. Ensaio de Evolução Urbana. In: **Revista de Aracaju**, ano III, 1949, no. 03.
- \_\_\_\_\_. Entrevista em 29 de janeiro de 1990.
- RIBEIRO JUNIOR, João. **O Positivismo**. São Paulo: brasiliense, 1984, Coleção Primeiros Passos.
- SAMPAIO, Prado. **Artístico, literário e Científico**, Aracaju, Imprensa Oficial 1928.
- SERGIPE. Coleção de Leis e Decretos - Lei Estadual no. 697 de 1910. Aracaju Tipografia do Estado de Sergipe, 1910.
- \_\_\_\_\_. Coleção de Leis e Decretos do ano de 1915. Aracaju Tipografia do Estado de Sergipe, 1915.
- \_\_\_\_\_. Coleção de Leis e Decretos do ano de 1917. Aracaju Tipografia do Estado de Sergipe, 1917.
- \_\_\_\_\_. Coleção de Leis e Decretos do ano de 1919. Aracaju Tipografia do Estado de Sergipe, 1919.
- \_\_\_\_\_. Coleção de Leis e Decretos do ano de 1920. Aracaju Tipografia do Estado de Sergipe, 1917.
- SERGIPE JORNAL, Aracaju, 26 de setembro de 1924.
- SILVA, Clodomir. Álbum de Sergipe. Sergipe de 1534 a 1920. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1920.
- SILVA, Henrique Batista e. **História da Medicina em Sergipe**. Aracaju, Sergipe, Gráfica Editora J. Andrade, 2007
- SANTOS, Waldefrankly Rolim de Almeida. **Práticas e Apropriações do urbano na cidade de Aracaju\SE**, São Cristovão, Sergipe, dissertação de mestrado apresentada ao Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, 2007
- SOUSA, Antonio Lindvaldo. **Disciplina e Resistência** – cotidiano dos operários textéis em Aracaju (1910-1930). Trabalho apresentado à Disciplina Pesquisa Histórica II, Curso de Bacharelado em História, sob orientação da professora Terezinha Oliva de Souza. São Cristovão, UFS, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Em Nome do Progresso e da Liberdade: ordem e rebel- dia no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930)**. Aracaju, 1993, Trabalho de conclusão do curso de Lato Sensu em Ciências Sociais, sob orientação da professora Beatriz G. Dantas , São Cristovão, UFS, 1993.
- TORRES. ACRÍSIO. **Auguto leite.**, s\ed. 1974